

Equipe editorial

Coordenação e supervisão editorial ■ Ana Suely Arruda Câmara Cabral e Sanderson Castro Soares de Oliveira

Assistente de supervisão

Eliete Bararuá Solano

Editoração eletrônica ■ Eugênio Felix Braga

Webmaster

Ricardo Ferreira

Apoio

CNPq; CAPES; União Latina; Editora Contexto; CESPE/UnB; Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social/ MCT;

Programa de Pós-Graduação em Lingüística – UnB; Departamento de Lingüística;

Línguas Clássicas e Vernácula – LIV/UnB; Laboratório de Línguas Indígenas – LALI/UnB.

Capa

Rudá Cabral de M. Barros

Congresso internacional da ABRALIN (4. : 2005) / Anais do IV congresso internacional da ABRALIN. -- Brasília : [s.n.], 2005. 1600 p.

Publicação somente on-line

1. Lingüística teórica e descritiva. 2. Fonética e fonologia.
3. Teoria da gramática. 4. Línguas de sinais. 5. Línguas indígenas. 6. Análise do discurso. 7. Morfossintaxe. 8. Psicolingüística. 9. Lexicologia e lexicografia.

RAÍZES HOMÓFONAS EM KUIKURO (KARIB ALTO-XINGUANO)

Gelsama MaraFerreira dos SANTOS
UFRJ–CAPES
mara_fsantos@yahoo.com.br

Este trabalho tem como foco a existência de raízes homófonas em Kuikuro, uma das variantes da língua karib falada por quatro grupos que habitam a região dos formadores orientais do rio Xingu, porção sul da Terra Indígena do Xingu, Estado de Mato Grosso. Esta língua constitui um dos ramos meridionais da família karib (Franchetto & Meira, 2005). Ela é ergativa do ponto de vista da tipologia morfossintática clássica. Este trabalho representa uma etapa de minha tese de doutorado sobre a morfologia Kuikuro e o desenvolvimento de reflexões e análises conduzidas por Bruna Franchetto e por mim, em parte já publicadas ou em via de publicação.

Em Kuikuro, chama atenção à ocorrência de raízes homófonas, ou seja, morfemas lexicais com a mesma forma fonológica, mas com traços sintáticos e semânticos diferentes. Estes selecionam sufixos flexionais com expoentes fonológicos diferentes, mas com os mesmos traços gramaticais. No caso dos verbos, a alomorfa dos sufixos de Aspecto Pontual, Continuativo e Perfeito, descrita em seguida, se organiza em classes morfológicas, não indicando a existência de nenhum condicionamento fonológico que explique essa alomorfa. As condições de escolha de um ou outro alomorfe são totalmente idiossincráticas, ou seja, um certo número de raízes se combina com determinados alomorfes dos Aspectos Pontual ou Continuativo ou Perfeito. Homofonia e classes flexionais morfológicas são os resultados de processos diacrônicos como queda de vogais instáveis, redução silábica e assimilação (espraiamento dos traços coronal, labial, harmonia vocálica, fenômenos ainda produtivos em Kuikuro em outros contextos). A questão é entender os fatos sincrônicos, onde processos morfofonológicos não são mais ativos.

A escolha em adotarmos a teoria da Morfologia Distribuída¹ se deu pelo fato dela nos permitir um tratamento formal razoavelmente satisfatório dos dados Kuikuro. A MD não considera a palavra como unidade operacional que entra na computação sintática com uma estrutura interna insensível às operações sintáticas e já possuindo conteúdo fonológico. Na MD não há manipulação de itens lexicais pela sintaxe. Existem dois tipos de elementos primitivos na gramática que servem como terminais da derivação sintática, ou seja, os primitivos da formação de palavra, os terminais funcionais e as categorias lexicais. Os elementos que a sintaxe manipula são feixes ou combinações de traços morfossintáticos que são selecionados a partir de um conjunto finito dado pela Gramática Universal.

(Raízes – morfemas concretos, com uma forma fonológica subjacente, carregam índices abstratos (para distinguir homófonos) e outros diacríticos – como traços de classes); Morfe-

¹ Distributed Morphology and Pieces of inflection - Morris Halle and Alec Marantz 1993 – The view from Building Twenty

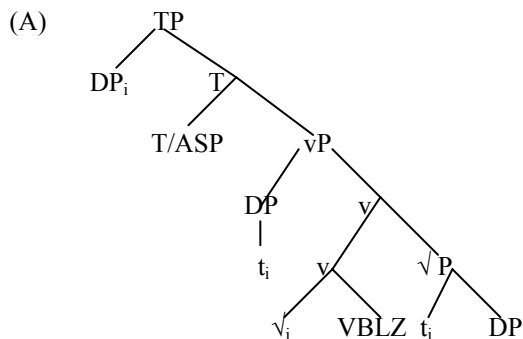
mas abstratos – são feixes de traços gramaticais sem traços fonéticos (vezinho, Det, traços de passado ou plural.²)

A palavra, para a MD, é o resultado de operações de movimento e concatenação de raízes com feixes de traços morfossintáticos (como traços de pessoa, número, gênero, causação, etc), que ocorrem no módulo da Sintaxe. Operações de movimento, concatenação, empobrecimento, fissão ocorrem no módulo da Morfologia. Como último passo da derivação, é no módulo da Fonologia que se dá a inserção do conteúdo fonológico nos nós terminais da estrutura sintática. Este processo é chamado de inserção tardia, já que ocorre após serem realizadas todas as operações sintáticas e morfológicas; a inserção dos Itens de Vocabulário se dá na Fonologia; estes itens contêm, além do som, informações sintáticas, semânticas e morfológicas, de modo que se possa dar a sua inserção em determinados nós sintáticos com seu subsequente spell-out.

A palavra verbal, em Kuikuro, apresenta a seguinte estrutura:

(PronomePessoal)-(MO)-(DETR)-**RAIZ-VBLZ**-(TR)-[MOD-(*ASP(T)*)]-(Número)

Consideramos que o radical verbal em Kuikuro é o resultado da combinação de uma raiz, desprovida de categoria sintática (como os tradicionais “partes-do-discurso” ou “classes de palavras”), com um núcleo funcional dotado de traços categorizadores verbalizantes. Os verbalizadores, categorizadores verbais, se apresentam fonologicamente realizados ou nulos e carregando traços sintáticos e semânticos. Veja-se na estrutura abaixo a representação da formação de um verbo. ‘Verbo’, como a MD entende, é resultado de operações sintáticas e não uma categoria pré-sintática associada a itens lexicais:



O Kuikuro dispõe de um rico conjunto de morfemas funcionais responsáveis pela flexão aspectual, sendo que o Aspecto é indispensável na formação da palavra verbal no Modo Descritivo, não-marcado.

A organização dos Aspectos em cinco classes morfológicas flexionais (I, II, III, IV e V) é produto da observação do comportamento de cada alomorfe após as raízes às quais ele se afixa. Eis o quadro que sintetiza tais classes:

aspec	I	II	III	IV	V
CONT	-tagü ~ - ⁿ dagü	-tagü	-tagü	-tsagü	-gagü
PNCT	Ø	-nügü	-lü	-jü	-lü

² Embick, David (2004)

Os morfemas de Aspecto Pontual têm um traço [evento visto como um ponto sem extensão temporal], e o Aspecto Continuativo um traço [evento visto como processo em sua extensão temporal]. As diferentes formas fonológicas dos morfemas de Aspecto (Pontual e Continuativo) são sufixadas a radicais verbais com sintaxe e semântica diferentes.

No caso apresentado abaixo teremos raízes verbais que apresentam o mesmo expoente fonológico, mas com traços sintáticos e semânticos diferentes:

Aspecto[PNCT]	↔	- lü/ {ahu _{III} , akuki _{III} , ati _{III} ...}
Aspecto[PNCT]	↔	- jü/ {ahu _{IV} , akuki _{IV} , ati _{IV} ...}
Aspecto[CONT]	↔	- tagü/ {ahu _{III} , akuki _{III} , ati _{III} ...}
Aspecto[CONT]	↔	- tsagü/ {ahu _{IV} , akuki _{IV} , ati _{IV} ...}

Observem os exemplos abaixo (Vt = verbo transitivo ou com causa externa; Vi = verbo intransitivo ou mono-argumental ou com causa interna):

Vt - classe flexional III

1. **ahu-tagü** **ahu-lü**
pilar-CONT *pilar - PNCT*
 ana ahu-lü itão heke
milho pilar-PNCT mulher ERG
 “a mulher pilou milho”

Vi - classe flexional IV

2. **ahu-tsagü** **ahu-jü**
encher -CONT *encher - PNCT*
tunga ahu-tsagü
água encher-CONT “o rio está enchendo”

Vi - classe flexional III

3. **ati-tagü** **ati-lü**
brotar-CONT *brotar - PNCT*
ana ati-lü
milho brotar-PNCT “o milho brotou”

Vt - classe flexional IV

4. **ati-tsagü** **ati-jü**
limpar-CONT *limpar- PNCT*
ahukugu ati-tsagü u-heke
panela limpar-CONT 1-ERG
 “eu estou limpando a panela”

Nos exemplos 1 e 2 temos raízes homófonas, mas sintaticamente diferentes. No exemplo 1 o verbo é transitivo e os sufixos de aspecto são da classe III; no exemplo 2, o verbo é intransitivo e os sufixos de aspecto são da classe IV. No exemplo 3, temos um verbo intransitivo com sufixos de aspecto da classe III; no exemplo 4, temos um verbo transitivo com sufixos de aspecto da classe IV.

As mudanças **t>ts** e **l>j**, resultado de coronalização (palatalização), são processos regulares em Kuikuro, em fronteira morfológica, após a vogal alta [i] (Franchetto 1995). Não encontramos, todavia, esses processos de “coronalização” funcionando exaustivamente na alo-morfia do sufixo aspectual Continuativo **-tagü/-tsagü**, e do sufixo Pontual **-lü/-jü**. A grande maioria das raízes possui, de fato, a vogal alta [i] em posição final, mas encontramos muitas

exceções como: **inaü-tsagü** “apertar”; **inu-jü** “entortar/dobrar”; **itü-jü** “responder”; **hu-tsagü** “inchar”.

Trata-se de evidência de que o condicionamento fonológico (coronalização) dos alomorfes aspectuais Continuativo (**-tagü, -tsagü**) e Pontual (**-lü, -jü**) não é mais operante. Por isso, falamos de classes morfológicamente condicionadas.

Os Aspectos Pontual e Continuativo, em Kuikuro, requerem que os expoentes fonológicos de Aspecto[PNCT] e Aspecto[CONT] façam referência à raiz no seu contexto de inserção.

Observe-se um outro exemplo:

Vt classe III

5. **akuki-tagü** **akuki-lü**
tirar água -CONT *tirar água - PNCT*
ehu akuki-lü u-heke
canoa tirar água 1-ERG “eu tirei água da canoa”

Vt classe IV

6. **akuki-tsagü** **akuki-jü**
esfregar entre as mãos -CONT *esfregar - PNCT*
müngi akuki-tsagü u-heke
urucum esfregar entre as mãos-CONT 1-ERG
 “eu estou esfregando urucum entre as mãos”

Nos exemplos 5 e 6 temos raízes homófonas, ambas sintaticamente transitivas, mas semanticamente diferentes.

Diante dos dados, então, observamos que a alomorfia do morfema funcional Aspecto (Pontual/Continuativo) não é condicionada fonologicamente; o que temos é um único morfema abstrato, de Aspecto Pontual ou Continuativo, com mais de uma forma fonológica. Os exemplos deixam claro que a forma fonológica de Aspecto[PNCT] ou [CONT] depende do contexto ao qual será adicionada, o que parece constituir uma Alomorfia contextual, ou seja o caso de um único morfema abstrato com diferentes formas fonológica (Embick 2004).

Falamos aqui de homofonia de raízes que estão na origem de verbos distintos pela flexão. O mesmo fenômeno pode ser observado, em Kuikuro, para a flexão nominal, ou o que comumente é chamada de sufixação de marcas de posse ou relação ou dependência. Aqui também temos cinco classes flexionais.

Os sufixos de ‘posse’ (relacionais) apresentam um conjunto de formas alomórficas. Temos, neste caso também, um morfema abstrato com seus traços (de ‘posse’) e com diferentes expoentes fonológico.

Os dados abaixo são exemplos de raízes homófonas em palavras nominais:

1. **u-hi-gü**
1-neto-REL “meu neto”
2. **u-hi-tsü**
1-esposa-REL “minha esposa”
3. **u-hi-sü**
1-irmão mais novo-REL
 “meu irmão mais novo”

Seguem exemplos das classes flexionais nominais:

4. ku-ngongo-**gu**
IINCL-terra-REL “nossa terra”
5. i-kanga-**gü**
3-peixe-REL “peixe dele”
6. u-igoti-**sü**
1-dia-REL “meu dia” (medida de tempo)
7. u-ügü-**lü**
1-anzol-REL “meu anzol”
8. üne oin-**tsü**
casa embira-REL “embira da casa”
9. u-ahü- %
1-costela-REL “minha costela”

Classes morfológicas flexionais para nomes:

I -gü ~ -gu (HV) ³	II -sü	III -tsü	IV -lü	V Ø
--------------------------------------------	------------------	--------------------	------------------	---------------

Assim como morfemas de Aspecto, o morfema Relacional tem um único traço [relação de dependência] com cinco expoentes fonológicos competindo para serem inseridos num único morfema funcional.

CONCLUSÕES

A homofonia de raiz, na língua Kuikuro, nos oferece evidências adicionais para afirmarmos que a alomorfia dos sufixos de Aspecto (PNCT, CONT) e (REL) resulta não de condicionamento fonológico, mas por ser itens com os mesmos traços (sintáticos, semânticos e morfológicos) mas fonologicamente diferentes. Os critérios para a escolha do item ‘correto’ são totalmente idiossincráticos, ou seja, um certo número de raízes se combina com determinados alomorfes dos Aspectos Pontual ou Continuativo ou Perfeito e Relacional. O modelo formal da Morfologia Distribuída nos ofereceu uma abordagem interessante dos fatos Kuikuro.

³ harmonia vocálica

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAD, Maia. *On "Little v"*. in Papers on Morphology and Syntax. Cycle One. edited by Karlos Arregi, Benjamin Bruening, Cornelia Krause, and Vivian Lin. Cambridge, MITWPL 1999.
- EMBICK, D.; Halle, M. *On the status of stems in morphological theory*. University of Pennsylvania and MIT. Ms 2004
- HALLE, M.; A. Marantz. *Distributed morphology and the pieces of inflection*. The View from Building 20, edited by K. Hale & S. J. Keyser, p. 111-176. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1993.
- HALLE, M.; A. Marantz. *Dsitributed Morphology*. Glot International. v. 4, Issue 4, 1999.
- IPPOLITO, Michela M. 1999. On the Past Participle Morphology in Italian. *MIT Working Papers in Linguistics* 33, 111-137
- MARANTZ, Alec 1997. *No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon*. In A. Dimitriadis, L. Siegel, C. Surek-
- MARANTZ, Alec 1999. *Morphology as Syntax: Paradigms and the Ineffable, the Incomprehensible and the Unconstructable*, handout.
- MARANTZ, Alec 2001. *Words*. Ms. MIT.
- MARANTZ, A. *On the Nature of Grammatical Relations*. MA: MIT Press. 1984.